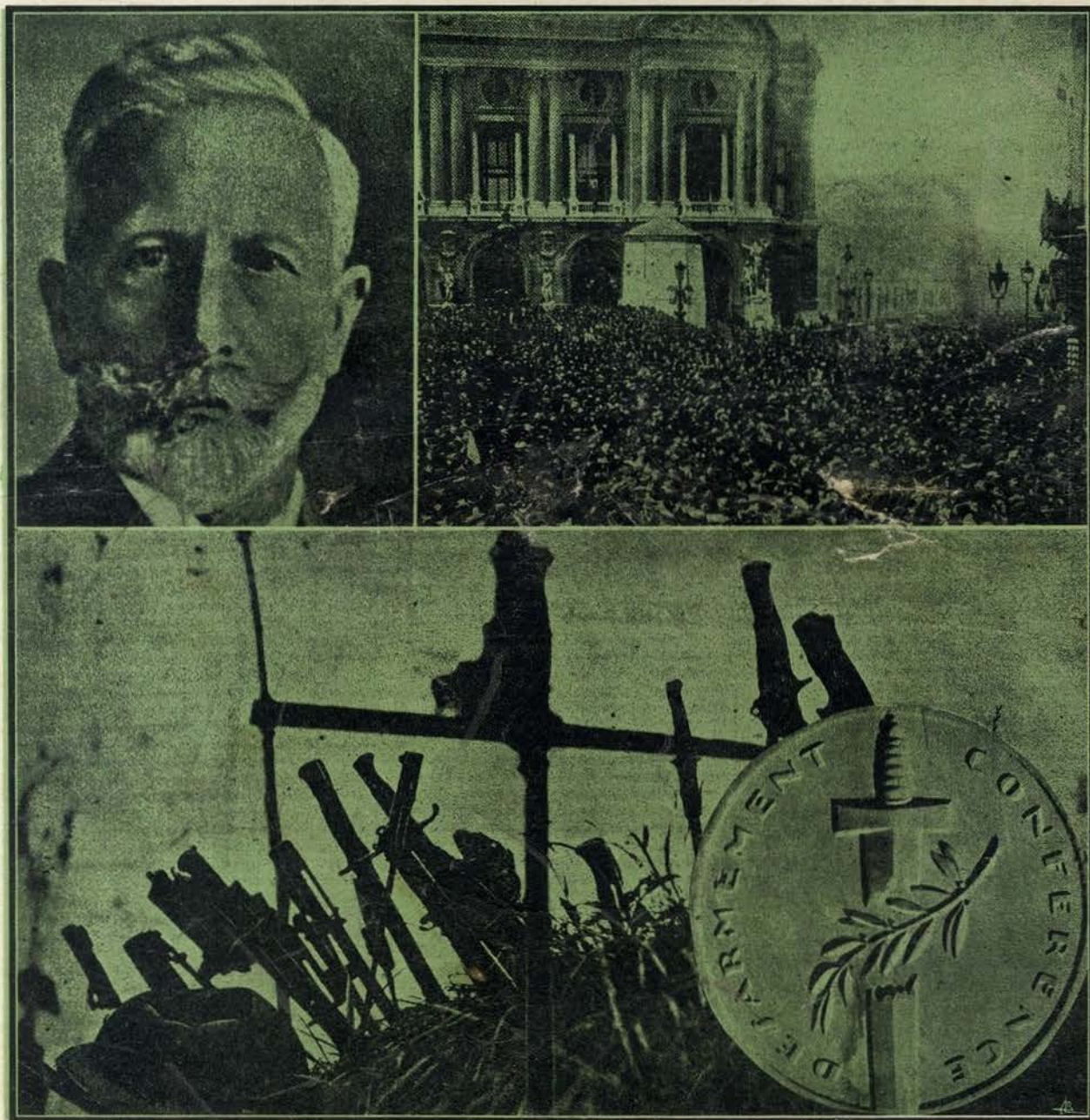


reportagem.

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NÚMERO: Homens & Factos do Dia (A outra verdade) — Os Uivos das Celas — ...Coimbra de Encantos... — ¿Vai ser restabelecida a Monarquia Alemã? — Guerra à Guerra — A última obra do autor desconhecido, etc., etc.

A novela dêsse padre Joaquim Eduardo Pereira Barreto que acaba de morrer em Vizeu; a evocação da sua vida, feita pelos noticiaristas; as represálias dos outros padres contra a sua alma desencarnada — negando-lhe o que oferecem, sem regateio, a qualquer judas ricação, com missas pagas em testamento e deixando-o enterrar civilmente, sem cantochão fanhoseado em côro nem borrifos de água benta — bem merece o comentário duma crónica. Merecia mais, muito mais: uma pena camiliana que o perpetuasse em obra romantizada...

A poderosa razão que levou o clero de Vizeu a recusar-se a enterrar religiosamente o pobre padre Barreto não foi o ter ele vivido maritalmente com a mulher que o amava através todos os sacrificios e que elle amava com humana paixão; não foi a filha que floriu dêsse amor e que fechava o círculo de ventura dêsse lar civil, santificado pela paz e pela honra. Não! O que o clero não pode perdoar ao irmão morto, era a diáfaneidade dêsse lar; a coragem com que elle exhibia êsse amor; a ternura e a dignidade másculas com que acarinhava a mãe de sua filha e com a que respeitava e obrigava os outros a respeitarem — tal como qualquer marido-amante e honrado; a sua recusa a tôdas as mentiras que o nivelariam à hipocrisia cômoda de muitos padres sem a sua nobreza moral; e, sobretudo, a sua audácia em ser bom pai, não renegando a filha e reconhecendo-a, preferindo-a...

Podíamos encontrar certa coerência na atitude dêsse clero — se a desobediência do Padre Barreto às leis sacerdotais fôsse um caso excepcional e se o seu exemplo causasse prejuízos de maior às fileiras dos católicos... Mas — por amor de Deus! — se elle desobedeceu, pecou porque a sua carne ou seu coração pôde mais do que a tirania dos dogmas e, principalmente, por não saber ou não querer velar com discreta velhacaria os seus pecados — os outros, numa percentagem que não ousa calcular, não são desobedecem também pecando como elle — mas com a agravante de mentirem, de vexarem as mulheres que amam e os filhos que lhes vêm dêsse amores, occultando-os como um crime, negando-lhes todos os direitos affectivos e os sociais que ellas podiam exigir do marido ou do amante e elles dos pais.

Longe de mim condenar os padres que amam como qualquer outro homem — porque sendo o amor essência divina e Deus senhor absoluto das almas e dos corpos — nenhum padre pode sobrepor-se à vontade de Deus e da Natureza. O que condeno, sim, é a mentira, a falta de coragem ante as suas próprias acções; e a crueldade do seu procedimento para com o pobre padre Barreto... Se, de facto, como o proclamam os cleros, a alma não pode voar até ao seio do Criador sem as azas dos responsórios, garantidos por elles, sem todo o ritual estabelecido pela Igreja,

— que cruel castigo infligiram ao padre Barreto criando-lhe a perdição irremediável só porque, fazendo o que elles ou muitos dèles também fazem — se esquivou ao pecado da mentira.

Se no coração dêsse padre palpitasse a mais bela das virtudes divinas — a da piedade — e mesmo que nas suas consciências não existisse a negrura dum pecado gêmeo aquêle que pesava sobre a de Barreto, jamais teriam tomado essa tremenda responsabilidade perante o seu Deus e perante a alma condenado por elles! Teriam dito:

« — Êste Barreto foi um mau sacerdote porque não soube resistir à tentação da Carne ou do Amor, porque depois do crescer tentou multiplicar como ordenou Cristo a todos os seres — esquecendo-se, na sua mística distração, em deferenciar os padres dos homens; e, sobretudo, porque não soube fingir nem sequer negar a filha. Mas como de todos os modos há-de comparecer no Tribunal de Deus — Deus o julgará como merece... Entretanto sejamos nós generosos e não lhe cortemos a ultima esperança: a esperança de poder subir até êsse tribunal e de se entender directamente com o Supremo Juiz! Tal-

sal não se alterou com seu pecado; que Deus não o fulminou com a sua divina cólera; que os outros padres não são mais puros do que elle e que elles continuam tão poupados e tão respeitdos como outrora; que, portanto, o seu sacrificio de castidade era, pelo menos, um sacrificio quasi inutil! Êste é o primeiro perigo — porque o mau é arrancar uma pedra ao Templo da Consciência; porque quando contratamos a fragilidade dum dogma — invariavelmente, humanamente sentimo-nos menos firmes ante todos os outros dogmas.

Mas há mais. E que o que custa é a primeira audácia, o primeiro passo, a primeira transigência... Se dela não resultou qualquer castigo — encolhem-se os ombros e repete-se o pecado sempre que apetece pecar! A partir de então todos os dragões se transformam em bonecos de pasta — e a falta que tanto nos repugnava antes, fica sendo uma roda a mais na engrenagem normal da vossa vida e da vossa consciência. Ora quando o Amor se normaliza, como um acto banal, na vida dum padre — o padre, a quem é proibido o Amor, vê-se na triste humilhante e perigosissima necessidade de o buscar pelas sendas furtivas. Não pode casar — amancebuse e muitas vezes nuna mancebia torva, monótona, sem elevação, sem nobreza, sem outra sinceridade além da carne! Não corteja as mulheres à luz do dia, não pode conquistá-las, como os outros homens, pelos processos dignos e corajosos; é obrigado a seduzi-las

HOMENS & FACTOS DO DIA

A OUTRA VERDADE

vez Elle possa apiedar-se e suavizar o seu castigo; e nós, sacerdotes da Religião da Piedade e do Amor não adulteramos a nossa missão — sendo também piedosos...

Mas o problema não é esse...

Quaisquer que sejam as vantagens para a Igreja negando-se ao padre o direito ao Amor da Mulher — esse principio só pode trazer perigos tremendos para o catolicismo. É fácil é saber porquê: é que esse principio não é, nunca foi, através dos séculos, cumprido senão em raras excepções.

O homem pode entrar no sacerdócio defendido pelo arnez das mais sólidas convicções; pode julgar-se coraçoado contra a tentação da Carne, pode pensar que a sua pureza e a sua castidade são mais fortes que tôdas as chispas do Inferno — mas essa utopia só durará enquanto a carne e o coração lhe obedecerem. Um dia chegará em que a rebeldia da Natureza desbarate tôda a legião de anjos que o defende — e nesse dia, como um sonâmbulo — pecará! E o que sucede depois?

... Sucede que o pecador circunvagando a vista acaba por concluir que o ritmo da vida univer-

pelos esconsos penumbrosos, caça-las onde a vigilância não descubra, onde pela garantia duma cumplicidade grave, elas sejam as primeiras a guardar o silêncio. Quere dizer: o padre só pode amar o Amor-sem-Amor ou Amor proibido, porque são os unicos que estão ao seu alcance e que lhes oferecem a esperança da impunidade — mas que são também, por vezes, os menos dignos da sua consciência e do seu sacerdócio — porque são pecados irremediáveis para todos os homens mesmo quando não padres!

Mas, sobre os perigos com que esse principio ataca a consciência do padre, sacudindo-a e derubando-a e com que ameaça a sociedade — estão os que ferem a própria religião. E que o padre amando — mente, porque lhe está proibido o Amor; mente porque para se defender, para se poupar às consequências dêsse Amor e para manter a confiança dos crentes — nega o Amor. Ora como pode admitir-se que os sacerdotes da Religião da Verdade sejam gafados por tôdos evidentes, frequentes, constantes mentiras? Que profundo abalo não produzirá na fé dos católicos a certeza dessa mentira?

— CONCLUI NA PÁGINA 15 —

¿GUERRA... PAZ...?

A guerra avança, voraz, apocalítica, avassaladora, implacável. Nada a poderá conter.

Os diques que até aqui a sustinham, tumultuosa na aparente serenidade das águas, cederam já. Abrem num ponto, e o líquido inflamável, incandescente, sai impetuosamente, sem que barreira alguma o possa, fazer desviar para junto das marinhas ondas.

E ela tudo destruirá na sua passagem, como tudo destruíram as hordas de Atila, como tudo destroem os furacões... Sistemas morais, religiões, culturas, sistemas políticos e sistemas económicos — derruirão à passagem fragorosa dêsse líquido que é ódio, ambições declaradas e ambições escusas... Vidas, povoados labregos, cidades, progresso material de toda a ordem — tudo será sorvido pela voracidade insatisfeita da bocarra guerreira...

E o pior de tudo isso, o prejuízo mais alto que a Guerra poderá trazer, a consequência mais atrás e dolorosa, será o estabelecimento dum ódio ainda mais profundo, ainda mais vivaz entre os seres humanos.

A luta gera luta. O ódio gera ódio. A guerra gera guerra.

Os vencidos de hoje levantar-se-ão amanhã num incontível e lógico espírito de desforra. E de novo o mesmo pavor se apoderará dos povos, sepultando-os na treva densa duma barbarie da qual — ¿quem sabe? — jámais sairão, porque a civilização periga. É bem possível uma decadência rápida, vertiginosa, para o abismo, de toda a cultura, acumulada durante tantos séculos de rude labor, de toda a técnica do trabalho, em suma, de todos os conhecimentos humanos. A História é bem uma prova disso.

Por um erro de tática, podem os generais perder uma batalha. Por um erro de visão das necessidades sociais, podem os homens sepultar uma civilização.

Em vez de se procurarem normas sociais mais justas, que tendam a desvanecer o ódio de classes, de raças e de sexos, e a estabelecer o amor entre os homens, assente sólidamente em princípios de justiça, procura-se com ardor inexplicável levar os rebanhos humanos à liça onde todos os gladiadores perecerão, porque dum lado estará a fera indomável — a Guerra — que não perdoa, e do outro estarão homens que, apesar de fortes serão rasgados pelas unhas dilacerantes do animal da selva.

Vencedor ou vencido — ¿que importa? Todos serão vencidos. Na passada guerra, naquela que não foi a *Última*, houve quem se dissesse vencedor e houve quem chorasse a sua condição de vencido.

Aparentemente, pode atribuir-se uma dessas condições a qualquer dos contendores: Mas aquêles que não raciocinam pelas aparências e procuram mais eficazes e profundos meios de dedução, não-de reparar, por certo, em que houve um aniquilamento na totalidade dos povos europeus que fizeram a guerra.

A mocidade que voltou da guerra, veio morta, segundo o pensamento, e não a expressão de Remarque. Quere êle dizer com isto que a mocidade que fez a guerra perdeu nela as suas energias e que todo o dinamismo que em si poderia conter se extravasou num fim bem pouco glorioso e bem pouco digno duma mocidade que tantas esperanças concentrava em si.

A guerra tem uma íntima essência destruidora que não se conta pelas bocas dos canhões que se combatem, nem pelas baionetas que se entrecrocaram, nem por toda a metralha que impavidamente é lançada a peitos que são bem iguais aos nossos, que têm o mesmo cadenciár de amor por tudo o que é vital. Ela concentra em si algo mais perturbador que qualquer gás as-

fixiante ou incendiário ou microbiano. Tem uma função, por assim dizer subtil, que desagrega a vida social. É um factor de decadência humana, uma negação do progresso finalista, uma causa de queda no abismo — a noite escura da Humanidade.

Trabalhar pelo pacifismo, isto é, fazer vibrar as consciências a favor da paz, é afirmarmo-nos factores impulsivos da colectividade. É marcar a nossa posição dentro do meio social, é afirmar-nos individualidades e consciências progressivas, é abrir o *nosso sulco*, é fazer obra de fecundação.

Se todos desejamos realizar algo que, pelo seu merecimento ético, mereça a consagração do futuro, não haverá nada, por certo, nesta quadra de angústia, que se equipare ao valor dum gesto pacifista. Uma descoberta de valor científico poderá servir de muito para o futuro bem-estar humano. Poderá revolucionar todos os conceitos estabelecidos e poderá mesmo ser factor de felicidades nunca imaginadas nem concebidas...

...No entanto, não haverá nada mais eficaz, neste momento, que a beleza serena, estoica, tolstoiana, duma prédica de Paz!...

J. S. L.

FALTA DE ESPAÇO

Ficam-nos de remissa por abso-
luta falta de espaço, além doutros
originais ainda não anunciados, os
seguintes que publicaremos no
próximo número:

**A reportagem da Assembleia
de A Lutuosa de Portugal; As
atrocidades cometidas na Re-
pública de Cuba; Os mineiros
de Valongo; Os escandalos da
T. S. F.; Os Vinhos do Pôrto.**

**Estabelecimento de Metais,
Ferramentas e Oficina de Cal-
deiraria.**

DE

António Pinto de Mesquita

53, 57-Rua dos Caldeireiros-59, 61

PORTO

Metais em chapa, Tubos, Cavilhas,
Parafusos de ferro e latão. Torneiras
de todos os sistemas, Brocas,
Mandrins, Rebolos de esmeril, Ferragens
para fogões e alambiques. Execução
perfeita de todos os trabalhos
em cobre. Depósito de bacias de
latão, cadinhos, etc.

TELEFONE, 4863

¿Vai ser restabelecida a monarquia alemã?

A monarquia alemã, tendo arrastado o povo ignaro para uma luta tremenda, onde perderam a vida muitas dezenas de milhares de homens, não conseguindo a vitória, derruiu.

Tivessem as forças do Kaiser e os exércitos seus aliados ganho a guerra de 1914 e o trono de Guilherme II ter-se-ia firmado, com grande prejuízo para a democracia nascente em muitas nações.

Infelizmente para a *Kultur* não sucedeu assim. Porisso a assinatura do tratado da Paz coincidiu com a proclamação da República alemã. Foram os próprios generais fieis, que indicaram ao imperador o caminho do exílio, embora continuassem medularmente monárquicos. Entre o perigo da Revolução Russa, com larga repercussão em toda a Alemanha e o sacrifício dos seus ideais, não hesitaram. Antes uma democracia burguesa, social-democrata, de que a ditadura do proletariado. E a monarquia dos Hohenzollern, foi sacrificada.

Mas, a República Imperial não tinha as características populares daquela forma de governo, comuns aos restantes países que a adoptaram. Mais de meio século de educação guerreira, começada na escola infantil e continuada pela vida fóra, pesava na índole daquele povo. Todas as ideias, todos os desejos de emancipação, ao passarem pela fieira da cultura *boche*, sofrem uma adaptação que as distingue logo da origem. O povo do Reno, tem uma filosofia como tem uma arte própria. Não admira pois, que a fórmula republicana pouco se distinguisse do antigo império, cujo chefe politico era ao mesmo tempo chefe guerreiro e religioso.

Por outro lado, as duras condições de Paz impostas ao povo germânico que, decididamente, não era o causador da guerra, criaram em todas as almas o natural desejo de desforra. Foram essas aspirações que Hitler, um megalomano, soube aproveitar para se guindar a chefe do governo, prometendo para um futuro próximo a vingança.

O Tratado de Versailles proibiu a reorganização do exército da Alemanha. Foram destruídos na presença dos técnicos dos Altos-Comandos, não só os submarinos, como os grandes couraçados e os aviões de combate. Mas a guerra tinha desenvolvido o espírito bélico em todo o Mundo e a divisão dos despojos dos vencidos criou novos interesses, antagonísticos, quebrados os élos espirituais e materiais que reuniram sob um lábaro comum povos latinos e anglo-saxónicos. Já não era só o armamento alemão, que ameaçava a Paz mundial. Políticos, bem intencionados uns e interesseiros outros, procuraram limitar o material de combate de todas as nações: Sucederam-se as Conferências de Desarmamento; emitiram-se moedas comemorativas; criaram-se Comissões internacionais permanentes. Tudo em vão.

As grandes fábricas continuam a aperfeiçoar os seus modelos; o canhão Berta que atingiu Paris a muitas léguas de distância, é agora brinquedo sem importância. As hostes militarizadas do novo ditador

alemão, são uma maneira de encobrir numerosos contingentes militares. Todos os governos se armam, enquanto os seus delegados discutem em Genebra ou em outra qualquer parte, as toneladas que cabem a cada país, tendo em consideração as suas necessidades...

...Se os altos fornos não fundem mais aço para canhões, as retortas dos laboratórios ensaiam novos ingredientes mortíferos.

O povo alemão sabe que é assim. O pro-

ração dos Hohenzollern for um facto num futuro próximo.

Em quaisquer festas comemorativas do triunfo das «direitas» alemãs, tomou parte sem um protesto o príncipe herdeiro. Só o operariado que forma na extrema esquerda, fortemente influenciado pelas doutrinas que irradiam de Moscou, pode opôr-se ao triunfo da Monarquia prussiana e não devemos ter ilusões; a burguesia aliada, entre o perigo vermelho latente e o triunfo dos monárquicos alemães, desejará antes as fardas vis-



...procuram limitar o material de combate...

letariado instruído das grandes cidades, acompanha a par e passo, as evoluções da politica internacional. Como é natural, preferem esmagar a ser esmagado.

Que admira, portanto, ver com bons olhos quem lhe promete rasgar todos os tratados, reivindicando para o país igualdade de tratamento?

A ideia da desforra, anda ligada a figura do chefe supremo dos exércitos da triple-aliança que tantas glórias conquistou para os seus soldados, figura de prestígio das trincheiras, difícil de olvidar. Guilherme II pode voltar um dia, para conduzir as suas legiões vitoriosas até às portas da capital da Europa. Paris não é só uma tentação para os literatos e artistas; não é apenas a chama crepitante, onde os boémios principescos e plebeus dos quatro pontos cardiais, querem tatuar o espírito. É também a atracção dos guerreiros contemporâneos. Ir à capital francesa, desfaldar no último mastro da Torre Eiffel, a bandeira vermelha, preta e branca, tendo ao centro, no vértice da cruz de suasto a águia bi-partida, é um sonho lindo, fascinante, que leva ao rubro as almas sedentes de vingança e de sangue, esquecidas das dores pretéritas.

Ditar do Palácio do Eliseu a nova lei do Mundo, ter aos pés, submissos, os povos latinos ora triunfantes, é uma ideia que jamais deve ter abandonado os generais ontem servidores do Kaiser, ainda hoje ao serviço da República, para amanhã sem reboço voltarem a servir o antigo chefe ou o seu filho primogénito.

Não temos que nos admirar se a restau-

tas dos guerreiros, do que a blusa azul dos proletários que empunham a simbólica foice e o martelo.

A finança sempre foi aliada da cruz, quer esta seja a de suasto ou a do Nazareno.

J. Vieira Alves

O que hoje é difícil é encontrar

Bombaim — Acaba de chegar ao nosso conhecimento que esta acreditada casa está recebendo Café de um dos melhores produtores do Sul de Minas, Brazil, para o que chamamos a atenção dos apreciadores desta agradável bebida.

PÉROLA DO BOMBAIM

Rua de Passos Manuel, 255

Telefone, 2147 — Pôrto

ANTOLOGIA



Oração do Ateu

Perspectiva

por HERBERT SPENCER

SENHOR: sabeis que não creio em vós tal como a igreja o faz e a Bíblia vos descreve. Sabeis que não creio na Bíblia como verbo de Deus. Se é verdade, como se afirma, que criastes o Universo, criastes conseqüentemente tudo o que nêle se encontra. Tanto criastes o mal como o bem, o diabo como os anjos, o céu como o inferno. Se criastes os homens, criaste-os como são. Se são bons, é porque assim o quizeste; se são maus, é porque assim vos aprouve. Se sois omnipotente e universal como pretendem, não há coisas ou acções más que não resultem de temperamentos ou circunstâncias criadas por vós. Se existe inferno e os homens eternamente ardem ali, é porque assim o quizestes. Tudo vos é possível. Se fôsse da vossa vontade tornar os homens ditosos e bons, tê-lo-íeis feito. Agradou-vos torná-los miseráveis e maus. Portanto não sois bom nem amais as vossas criaturas. É evidente que os seus sofrimentos vos causam prazer. Doutro modo tê-los-íeis tornado felizes. Inda que em vós acreditasse, não poderia adorar-vos, a não ser movido pelo medo, a mais vil das emoções e a única que parece desejar-des suscitar. Não podemos amar-vos pelo bem que praticastes, pois serve apenas para nos fazer mais desgraçados se o compararmos com o mal que nos forçastes a suportar. Deus: se na verdade a Bíblia é o teu verbo, se sois aquêlê que o Antigo Testamento descreve, só me é possível odiar-vos e regosijar-me por não crer. E agora senhor, se pequei, foi porque assim me criastes, pois podeis fazer com que creia e faça o que fôr de vosso agrado. Criado por vós, sou um simples instrumento nas vossas mãos, por nada sou

responsável. Não tenho a faculdade de escolher entre o bem e o mal como me disseram que devia fazer, porque não posso ajuisar do bem e do mal senão por meio dum cérebro que criastes com a plena consciência das conclusões a



HERBERT SPENCER

Filósofo inglês nascido em Derby em 1820.
Foi o fundador da filosofia evolucionista na Inglaterra.
Morreu em 1903.

que me levaria; a responsabilidade é vossa, não minha. Felicito-me por não ser assaz cobarde para temer, nem assaz fraco para adorar criatura tão horrível como o Deus da Igreja. Amem.

Retiro da Palmeira

Gândido P. de Faria

Travessa de Passos Manoel, 36
Lugar aprazível no centro da cidade
Telefone, 5824 — Porto

A única casa dos petisqueiros à portuguesa. Vinhos da procedência. Pratos de ocasião.

PREÇOS MÓDICOS

ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS

O perigo duma nova guerra de conseqüências muito mais desastrosas e processos muito mais cruéis, intensifica-se constantemente atrás de cada acontecimento que se produz neste vulcão que é actualmente o mundo.

Êsses homens chamados dirigentes dos povos, divertem-se com gestos de sensação, armando ao messianismo das multidões, sempre dispostas a apear ídolos e a erguer ídolos.

Para êles, «isto» é um belo sport, em que os seus ócios se tornam deliciosos.

A comédia em cena é sempre a mesma; os protagonistas são que mudam.

O povo paga e aplaude. É justo. A *mise en scène* é cara, mas é boa e o desempenho é soberbo.

As conseqüências aproximam-se, são pavorosas, mas apenas se vive o dia de hoje, já não há memória para recordar e o espírito de previsão é uma máquina ferrugenta.

Por ora, o momento que passa é delicioso, e é quanto importa.

Amanhã não tem lugar no pensamento dêste desequilibrado de hoje.

Quando os clarins golpearem os espaços fazendo rolar as avalanches destruidoras, o pobre louco correrá a entregar o seu corpo, o seu ser, a sua vida, para serem consumidos nêsse novo grande incêndio de Roma que os Césares andam a atear e presenciarão do alto dos seus pedestais dedilhando a lira da Fôrça.

Depois... «Après moi le déluge» — e pode ser que com o dilúvio venha a salvação definitiva da humanidade.

D. Quixote

Um sinistro e um seguro

¿ Afinal qual dos dois é pior? — O naufrágio duma traineira... sem desastres pessoais a lamentar. — Um prémio de 3.000 libras ou como se esca-
moteia parte dum seguro. — ¡Um agente esperto e um segu-
rado... idem! — Zangam-se as comadres...

HÁ pouco tempo apareceu nos jornais portuenses uma notícia que interessou o público. Tratava-se dum sinistro marítimo. Existem sempre leitores ávidos de catástrofes grandiosas que lhes desajeitem os nervos da placidez cotidiana, lançando-os nas visões angustiantes, com desfiles de feridos gementes, de cabeças algodoadas, de cadáveres monstruosamente mutilados, de corpos regelados — pasto de bisturis nas tão cantadas mesas anatómicas... Para meninas histéricas, a sinfonia dos lamentos das grandes catástrofes — é sempre um piteu sabroso... ¡Para os directores das companhias seguradoras, violentas dores de cabeça, quando nessas catástrofes, arderam ou se afundaram matérias seguradas nas suas casas! Mas, de tódas as catástrofes espectaculosas — talvez uma das que mais emocionam o público seja a dos naufragios... ¡Que multidões de curiosos não atrai um afundamento como o «Deister» cujos tripulantes desapareceram, um a um, nas bochechas das briosas brigadas de salvação pública — humanitárias, bem sabemos, mas cujos excessos se tornam, por vezes, gravemente perigosos! ¡Que de emoções não produzem nas epidermes sensíveis o espectáculo, directo ou indirecto, dessas tragédias — mesmo quando atingem o aspecto fictício do «Atlantique»! É o egoísmo que goza com o sofrimento alheio e a que se assiste... em lugar seguro!

A sugestão da palavra levou-nos a delirar com visões de *grand-guignol* — desviando-nos do nosso caso ou antes do nosso sinistro (salvo-seja!)... E este sinistro nada tem de terrível — a não ser o nome... A verdade é que foi forjado, realizado com êxito — por um grupo de «espertos» com o objectivo, *bem intencionado*, de burlar uma Companhia de Seguros... O único fracasso dêsse plano, algo-maquivélico, provocou-o o agente da tal companhia que também era «esperto» — e que não dormia — como os leitores vão ver...

Se não estamos em êrro (não vale a pena folhear os diários da época para obter a data certa) foi há coisa de dois

anos que no noticiário cotidiano apareceu a notícia de que a traineira «Senhora da Peneda», naufragara, mesmo à entrada da barra, por ter batido com o casco em qualquer penhasco saliente.

E acrescentavam que a *dila traineira estava segurada em 3000 libras e que os tripulantes se encontram todos de boa saúde, graças a Deus...*

Realmente parecia que todos se encontravam bem — todos inclusivamente o proprietário do barco que pediu logo



Na faina de bordo

ao agente da companhia seguradora para que lhe pagasse o prémio respectivo. De facto, passados tempos, recebeu êsse prémio diminuído em 2000 libras, apenas alegando o agente que a Companhia ainda não tinha enviado o restante... Durante algum tempo o segurado manteve a crença de que assim devia ser; mas vendo que nunca mais chegava o dinheiro e que o agente tinha comprado um palacete — não tendo posses para tais gastos — logo desconfia e lhe fez ver o motivo da sua suspeita, ameaçando-o a seguir com a competente queixa à Companhia e à Polícia, o que não tardou em pôr em prática.

Mas o agente da Companhia de Seguros também não queria desarmar a

primeira investida daquele D. Quixote de perna coxa. E sem mais cerimónias cochichou-lhe ao ouvido:

— ¡Você, se me torna a pedir o resto do prémio eu revelo a tóda a gente, quem foi que fez naufragar a traineira!

Resposta do outro — «¡Isso é uma infâmia e você se for capaz de mentir dessa maneira é um miserável! ¡Não desisto da minha queixa! Há de pagar-me o que me deve — lhe juro eu!»
¡Mas, no seu íntimo sentiu o receio de ser descoberto, porque a insinuação do agente era verdadeira. O naufrágio tinha sido... preparado!

Trémulos de rancor os dois inimigos dão de rédeas aos dorseis, e vão envergar as suas mais luzidias armaduras para voltarem à liça.

E eis — o da Companhia de Seguros arregimentando as hostes com promessas vis e testemunhos de gratidão perpétua; e tão habilidosamente que os cúmplices do outro se esqueceram de que traíndo-o, iriam parar com êle a um cárcere!

Estala o grande torneio, onde o cavaleiro que se tinha aboletado com as 1000 libras, sente o alazão pisar o rival vencido. Para finalizar, apenas diremos que, esta comédia em vários actos está a ser resolvida pela polícia, que nesta altura desempenha o papel da Sociedade das Nações para solucionar o conflito.

É provável que mais tarde voltemos à carga, pois não queremos privar o querido leitor de apreciar os imprevistos parentes dêsstes indivíduos a quem falta uma boa dose de vergonha, mas em que, em compensação, sobra a tal *esperteza*, que é hábito aplaudir nesta terra.

F. C.

CASA PEREIRA

de JOSÉ J. PEREIRA

Preferida por todos os desportistas e apreciadores do precioso nectar.

Vinho de 1.ª qualidade, Moscatel de Favaios, pastelaria, **sandwiches**, — — — conservas, etc. — — —

Travessa dos Congregados, 11 — PORTO

OS UIVOS DAS CELAS

Há 18 anos que um condenado expia uma pena por um crime que diz não ter praticado



A entrada da Penitenciária de Lisboa

A sala número três do Grupo A, lá em cima, naquelas mansardas do Limoeiro, deixava ver por uma fresta cortada em cruz por varões de ferro, o azul límpido do céu, e em baixo, correndo vagaroso e manso, o rio Tejo. Os jornais da manhã haviam chegado pouco antes. A leitura compassada, de duas colunas compactas de prosa iluminada por sub-títulos atraentes concentraram à volta duma cama vários reclusos. Havia um quê de emocionante na narrativa daquele condenado e os outros presos, em situação preventiva, olhavam-no com piedade, num sentimento de participação moral da mesma tragédia e de igual odisséia. As visitas entraram e aquelas figuras pareciam petrificadas, dir-se-ia singulares múmias em posições irregulares.

— É o «Gungunhana», o desgraçado que está preso à-cerca-de vinte anos — elucidou uma das visitas.

— Porquê?
— ... Por um crime que ele diz ter sido cometido por outro...

E o «Gungunhana», sentado sobre o bordo da cama, a cabeça apoiada numas mãos de hércules fixava o olhar nas frin-

chas do soalho, alheado do bulício que o circundava. Os presos acabavam de ler a notícia do erro judiciário descoberto há dias em Torres Vedras e tristes recordações acudiram ao cérebro daquele condenado. Teve uma visão retrospectiva de oito anos de emersão na Penitenciária de Lisboa, de mais do dobro dêsse tempo noutras cadeias e pareceu ouvir naquele instante os queixumes e os lamentos de tantos companheiros de prisão, de inúmeros erros judiciários narrados no silêncio das grades em cerca de vinte anos de cativo. E pela imaginação passaram os números dos presidiários, legendas de dor e de mistério que as celas guardam quasi eternidades.

Quasi não pensava em si. Ele também atravessara aquê calvário, mas resignava-se. Pouco tempo lhe faltava para terminar a pesada condenação. Mas o pelourinho de homicida não o queria suportar. Proclamara durante anos sucessivos a sua inocência e nunca fora ouvido. A atingir o termo do seu suplício, materialmente pouco lhe interessava a reabilitação. Não queria levar para a sepultura essa mancha de criminoso, já que não cometera qual-

quer crime. A reabilitação moral é que o preocupava.

O «Gungunhana» abandonou aquela imobilidade e vei-o apertar a mão a um amigo que o vinha visitar — um amigo que não o esquecia ao longo de tão extensa jornada prisional.

Palavras simples e comoventes, frases soltas e banais e as recriminações que há 18 anos assaltavam o espírito do condenado, preencheram os minutos de cavaco entre os dois amigos.

Alfama, o pitoresco bairro das tradições lisboetas servira de berço a êsse homem — António Rodrigues, que anda em tórno dos cinqüenta anos. Foi sempre, ainda em rapaz, destemido, temerário e arrojado. Enfrentava os maiores perigos com desassombro e desprezo absoluto pela vida. A crismação popular forneceu-lhe um sobriquet — «Gungunhana».

E de aí para cá o António Rodrigues foi conhecido pelo «Gungunhana». Não cons-

tam no seu cadastro cenas que o tornassem um elemento social perigoso. Rapaziadas, desvios ligeiros das normas convencionadas que não emporcalham, todavia, o futuro dum homem.

O «Gungunhana» não pertencia a qualquer galeria criminológica. Era apenas um valente invulnerável a toda a estratégia dos *Mousinhos*. Mais uma figura popular do que um elemento perturbador da ordem e da disciplina sociais.

«Gungunhana» tinha também as suas emoções políticas e as suas preferências filosóficas que não ocultava. No tempo do franquismo teve prisões várias, e só duma vez foi mimoseado com trinta dias, na esquadra do Pátio D. Fradique. Acompanhou nos últimos anos de vida o Dr. Miguel Bombarda. Depois de implantada a República todas as suas simpatias se inclinavam para o fundador — Machado dos Santos.

Eclodiu o movimento revolucionário de 14 de Maio de 1915. «Gungunhana» fazia parte dum grupo de civis que se batiam pelo advento da revolução. Passava o grupo nessa manhã, cerca das 10 horas, pelo largo do Peneireiro, em Alfama, quando se encontrava num urinol o cabo de polícia César Augusto. Houve troca de tiros. E o cabo caiu mortalmente varado. Em toda a cidade o tiroteio ainda não havia cessado. O canhão vomitava metralha, o povo batia-se nas barricadas. «Gungunhana» só abandonou a cartucheira e a espingarda quando estava vitoriosa a revolução.

Regresso à normalidade. Foi instruído o processo pelo crime de homicídio voluntário e arguido de seu autor o «Gungunhana». Julgado foi condenado em 25 anos de prisão. E o revolucionário principiou a sua digressão pelas cadeias: cinco anos em Monsanto, oito anos na Peniten-



O antigo capuz penitenciário

ciária em regimen celular e mais cinco na cadeia do Limoeiro, onde o fomos encontrar.

«Gungunhana» negou sempre a sua autoria no crime.

— Não fui eu que matei. Estavamos em período revolucionário e essa circunstância era para mim uma atenuante. Mas garanto por tudo que não fui eu o assassino.

O velho condenado, acrescenta:
— De resto, há em Alfama muita gente que sabe quem matou. Que a polícia descubra, pois é essa a sua missão e que seja reabilitado quem não praticou o crime. É isso que me interessa. Nada mais.

Os gritos angustiosos de condenados que proclamam a sua inocência é alarmante e causa inquietações. As penitenciárias irradiam gritos lancinantes de desgraçados que pedem justiça.

E a justiça continua de venda nos olhos para os não ver e de ouvidos tapados para não os escutar.

FRED

A odisséia do «Gungunhana» através a Penitenciária de Lisboa e as cadeias do Monsanto e do Limoeiro

O crime da Pôça das Feiticeiras e A questão dos Vinhos do Pôrto

Por só hoje ter chegado de Coimbra o nosso enviado especial, não nos é possível publicar neste número a entrevista de Claudino Ribeiro, o que faremos na próxima semana.

Também só na próxima semana continuaremos a nossa campanha em favor da legitimidade dos vinhos do Pôrto.

PROGRAMA

— DA —

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

1.^a — Difundir entre o público os princípios da higiene individual e colectiva, demonstrando o valor e alcance da sua prática sistemática.

2.^a — Divulgar os princípios a estabelecer para a prática útil da educação física.

3.^a — Combater e procurar evitar a propagação das doenças venéreas.

4.^a — Estimular a profilaxia individual para fugir à infecção venérea e espalhar e embaratecer os meios profiláticos.

5.^a — Mostrar o papel da tuberculose como flagelo social, divulgando a sua profilaxia.

6.^a — Fazer propaganda contra o alcoolismo.

7.^a — Divulgar as noções precisas para o conhecimento do cancro e as condições em que podem fazer-se a terapêutica e profilaxia eficazes.

8.^a — Difundir os cuidados a prestar às grávidas e as noções indispensáveis de puericultura.

9.^a — Lembrar aos poderes públicos a urgência de evitar que os degenerados mentais continuem sem assistência e em liberdade pelo país.

10.^a — Chamar a atenção das classes proletárias para a higiene do trabalho.

11.^a — Pugnar pela instalação de dispensários de higiene social.

12.^a — Chamar a atenção dos poderes públicos para a necessidade de regulamentar o casamento no sentido de fazer profilaxia social.

13.^a — Pedir às autoridades a repressão do aborto provocado e da pornografia.

14.^a — Procurar conseguir dos poderes públicos uma legislação sobre higiene social, conforme com os preceitos modernos de defesa das raças, bem como uma mais cuidada e vasta acção de Assistência Pública.

IMPORTANTE

É da sabedoria das Nações que nem só de pão vive o homem. Com efeito, não há ninguém que se alimente só de pão. Todos comem e bebem outras iguarias, mas os melhores pratos, os melhores almoços, jantares e ceias, regados com óptimos vinhos, só os apreciarão os frequentadores da Casa Flor de Liz, de José Braga, Rua do Bonjardim, 117 e 119 desta cidade.

DOIS LIVROS IMPORTANTES

“A mulher é uma degenerada” — “Amai e... não vos multipliqueis”

por Maria Lacerda de Moura

Maria Lacerda de Moura, plúmiva brasileira, lançou há pouco a segunda edição do livro *A Mulher é uma degenerada* e a primeira do *Amai e... não vos multipliqueis*. São dois volumes de objectivos similares, cujas teses se entrelaçam e completam.

A mulher é uma degenerada, disse o psiquiatra português Miguel Bombarda. Este cientista — um dos mais característicos acólitos da ciência oficial e académica, imbuída de tantos preconceitos em voga — decreta a irremissível inferioridade da mulher perante o homem, não admitindo, conseqüentemente, a possibilidade da sua elevação até elle. Opina que, na mulher, o labor mental será «mais um elemento para que se ateie o incêndio da degenerescência; os excessos e fadigas intellectuais como que vêm dobrar o papel do homem na sua acção degeneradora». A instrução feminina trará consigo a esterilização da mulher, do que resultará um desfalque na população. Bombarda, como bom cientista oficial, não podia deixar de se preocupar com o desfalque na população. Logo a mulher deve resignar-se perpétuamente a ser a tutelada do homem.

A autora rebate, lembrando muito acertadamente que o mais poderoso factor de degenerescência é o homem, em geral muito mais vicioso e dado a excessos (alcooolismo, tabagismo, noitadas, incontinência, etc.).

E, condenando todos os excessos, diz: «os trabalhos intellectuais se por um lado trazem fadiga ao organismo, por outro exaltam as energias latentes, e, daí nos vêm forças novas, restauradoras, que não se põem em acção senão quando há vida interior, e, estão adormecidas se os excessos são provenientes dos bailes, dos divertimentos, dos cabarets, das sensações do jogo, ou de quaisquer visceras».

Quanto à esterilidade proveniente do labor mental, entre outras provas em contrário aduz o seguinte: «a mulher hotentote em média tem apenas três ou quatro filhos ao passo que a alemã, mulher instruída, é geralmente muito fecunda».

A seguir vêm umas referências às relações que alguns antropólogos querem estabelecer entre o peso e volume do cérebro e o grau de intelligência, relações estas que outros contestam, que a observação prática desmente muitas vezes e cuja confirmação reverteria em desfavor da mulher, por via de regra mais delicada de formas.

Nos capítulos enfeixados sob a rubrica *A mulher é uma degenerada* patenteia-se flagrantemente a presunção de certos tratadistas que tudo pretendem saber e submeter a leis inflexíveis, trasladando para o campo científico a preocupação legalista, pedindo à ciência mais do que ella lhes pode dar e olvidando assim o sábio aforismo que preceitua: — O indivíduo culto é um ignorante consciente, o inculto é um ignorante inconsciente; põem-se a nu as inconsciências doutros, encharcados de prejuizos como o da quantidade (aqui, como em tudo, o ponto básico a considerar é o da qualidade) e o da superioridade do homem (vem a propósito destacar aquella regra de gramática que prescreve: quando há dois sujeitos de géneros diferentes o adjectivo ou participio vai para género masculino porque é o mais nobre (?)).

Se a mulher é mentalmente inferior ao homem é porque as suas faculdades pensantes se atrofiaram por carência de exercicio, contesta a autora. E com efeito assim é. Nas classes abastadas a mulher — inteiramente absorvida pelo mimetismo sexual e com um superficial e frágil esmalte de cultura — é aquella scéia de ostentoso arreoio, saturada de trivi-

lidade, em cujos ouvidos o sr. Júlio Dantas e quejandos industriais da literatura de salão dejectam as suas perfumadas bagatelas. Nas classes não abastadas é bête de carga, moirando sem descanso em casa, e na oficina ou na rua, para acrescentar os magros proventos da familia.

Sôbre uma e outra pesam séculos de escravidão, de conformismo, de repressão, motores de obscurantismo e atrofia. A mulher é uma estátua mutilada.

«*A mulher é uma degenerada*» e «*Amai e... não vos multipliqueis*» são um grito vibrante em prol da emancipação da mulher. Visam a sua dignificação, advogam o estabelecimento da igualdade de direitos para os dois sexos, reclamam a abolição da injustificável situação de privilégio que o homem desfruta. No fóro, no lar, na oficina e na rua, à face dos Códigos e da moral vigente, a mulher é sempre a pupila do homem; e o prejuizo da inferioridade feminina, que por vezes vai até à ginofobia, culmina nas inconsiderações dum Bombarda, dum Maranon, dum Schopenhauer, etc., etc., e nas de vários santos e doutores da Igreja.

Mas a emancipação preconizada pela autora — individualista libertária — é amoral, alega e apolítica.

«A mulher terá de deixar as suas tôlas e infantis reivindicações civis e políticas para reivindicar a liberdade sexual, para ser dona do seu próprio corpo. É a única emancipação possível dentro da civilização, mercado humano, tronco de escravos. Emancipar-se economicamente ganhando a vida pelo seu trabalho e emancipar-se pela liberdade sexual. É o início do Matriarcado».

«O Matriarcado é a volta às leis naturais: os animais nos dão exemplos frisantes dos direitos primordiais das mães. Mas, o Matriarcado agora, consciente. Não mais o comunismo primitivo, porém, a liberdade de amar».

E biológico, é humano, é natural a mulher reivindicar a posse do seu corpo, aliás, todos os homens gosam desse direito».

«E, afectiva, sentimental, se deseja o amigo, o companheiro, não suporta mais o dono, marido, proprietário legal».

«E longe de se degradar a mulher, defendendo os seus legítimos direitos à liberdade de amar e à maternidade livre e consciente, diviniza-se, eleva-se à altura das suas possibilidades latentes».

«E a liberdade sexual da mulher será a conquista suprema que remodelará por completo o velho mundo».

É através da Maternidade consciente que se vão esboçar os contornos iluminados duma vida nova: seria o extermínio das guerras, da fome, dos prejuizos sociais funestos a todo o género humano, é o combate aos crimes passionais, é a extinção da prostituição e do crime não menos inominável da castidade forçada para a mulher solteira e da maternidade imposta à ignorância da mulher casada, é o extermínio do infanticídio, é a questão resolvida da lei da população.

O problema humano é uma questão sexual. A pedra angular para o edificio de uma grande civili-

zação, por sôbre os escombros da nossa moral de escravos, seria a liberdade sexual da mulher».

«A primeira e decisiva conquista será, já o disse, a emancipação económica feminina para trabalhar e viver livremente ao lado do homem, sem a qual não pode ser senão escrava».

Depois, a supressão das futilidades, do luxo, causas importantes da sua escravidão. Só é verdadeiramente emancipada a mulher que deixou de ser fêmea para ser mulher. Depois, tendo a mulher o encargo e a responsabilidade maternal, é justo e lógico que seja livre de escolher o pai para o seu filho».

«Seria, então suprimida naturalmente a prostituição, ao mesmo tempo que a Maternidade desejava ser consciente, livre, clarividente, «radiante», segundo a expressão eugénica neo-maltusiana».

«O problema humano no seu carácter social é um problema sexual. E a solução só pode ser encontrada na liberdade sexual, na Maternidade Consciente».

«A pobreza é uma questão sexual. É a natalidade excessiva».

Pelo que acaba de transcrever-se ficamos cabalmente cientes do género de emancipação feminina advogada pela autora e da transcendente importância que esta lhe empresta.

Não estamos de acôrdo com algumas das afirmações expendidas acima e passamos a concretizar a nossa discordância.

O problema humano no seu carácter social é um problema sexual.

Eis um critério simplista, um ponto de vista unilateral que por isso mesmo não pode por si só solucionar integralmente o complexo problema humano.

Porque solucionar integralmente o problema humano é garantir ao individuo, considerado isolado ou socialmente, a satisfação completa de todas as suas necessidades económicas, effectivas, éticas e intellectuais, o que é absolutamente impossível dentro da organização coetânea do aglomerado social. Só então a liberdade, autonomia e emancipação dos dois sexos deixarão de constituir uma contrafacção para adquirirem existência palpável e concreta.

E como tal estádio implica a existência duma mentalidade média muito superior à actual, e portanto muito mais equilibrada e clarividente, o individuo será então racional em todas as suas modalidades de vida e acção (alimentação, vestuário, produção, repartição de riquezas, procriação, etc.). Como criar essa mentalidade (a qual automaticamente provocará o advento duma nova organização social) que proporcione ao individuo a máxima consciência e responsabilidade e com estas a máxima liberdade?

Pela escola, pela propaganda, jornais, folhetos, livros, conferências, etc. e pelo exemplo, isto é, pelo educação, a qual abrangerá todas as facetas da polimorfia existência e actividade humana. Logo a problema humano não é apenas um problema sexual,

como não é apenas um problema económico, é um problema pedagógico.

Argue «Perrot»:

«Graças ao desenvolvimento da intelligência e dos sentimentos tornámo-nos capazes de seleccionar os nossos prazeres. O apuro dos gostos é o principal factor da escolha. O gôsto apurando-se liberta nos do determinismo brutal (impulsão) desencadeado pela necessidade. Para um individuo grosseiro (seja qual for a classe social a que pertença) todas as ocasiões sexuais serão boas para cevar o desejo, ou então apenas será sensível aos encantos físicos. Um individuo mais apurado será mais exigente. Em toda e qualquer forma de actividade não é apenas a necessidade ou os interesses que intervêm no desencadeamento do acto, haverá também para o homem apurado certas nuances morais a causar-lhe ou hesitações ou repugnâncias por vezes mais fortes que a avidez».

Logo o individuo apurado é sempre levado a julgar e a escolher. Escolhe no dominio dos seus gostos, é sempre determinado. Mas a multiplicidade e o encadeamento dos gostos dão-lhe um determinismo tanto mais variado e nuance do quanto maiores forem o desenvolvimento intellectual e a delicadeza moral. Todavia as condições sociais opõem-se muitas vezes às tentativas de selecção».

Depois de afirmar que o problema humano é um problema sexual a autora acrescenta: «E a solução só pode ser encontrada na liberdade sexual, na Maternidade Consciente».

Contestada a primeira afirmação fica *ipso-facto* contestada a segunda, mas se a primeira peca por traduzir uma visão unilateral do problema humano na segunda mais se accentua tal vicio, porquanto não pode, haver *isoladamente* Maternidade Consciente nem Paternidade Consciente. O que há portanto é Procriação Consciente, a qual se verifica «quando o pai e a mãe, dotados de alta consciência moral, não dão nascimento ao novo ser formado das suas duas carnes senão com o sentimento da grande responsabilidade que, ao fazê-lo assumem em relação ao filho e para com a humanidade; ou quando o fazem conscientemente com todo o conhecimento que esta expressão implica e que o acto procriador require para humanos muito civilizados.» (Manuel Devaldés).

E se condenamos a expressão «Maternidade Consciente» com mais razão o faremos a estoutora: «Matriarcado Consciente». Se «o papel dos pais é absolutamente equivalente na fabricação do embrião» não podemos admitir o *exclusivismo* da filiação uterina, só concebível e lógico no regimen da poliandria.

«A pobreza é uma questão sexual. É a natalidade excessiva».

Quando a autora exalta a «Maternidade Consciente» fá-lo na convicção de que assim se conquistará a liberdade sexual da mulher, se gerarão seres humanos mais perfeitos e saos e se limitará a natalidade.

Não basta portanto procriar melhor urge também procriar menos porque «fome, guerras, pestes, a degenerescência, todos os males sociais, prostituição, miséria, absolutamente tudo tem a sua origem na lei da população. Portanto, em última análise, para Maria Lacerda de Moura a solução do problema humano está na restrição da natalidade. «*Amai e... não vos multipliqueis*».

Com efeito diminuindo a prole diminuem os encargos dos progenitores e aumentam as possibilidades de conforto para os nascituros. Mas, reveren-

ciando a oportunidade e eficiência das práticas neo-maltusianas, estamos longe de lhes attribuir o valor duma panacea. Se o proletariado se limitar à Procriação Consciente, isto é à limitação da natalidade, nunca esta poderá *por si só* trazer-lhe a tão almejada emancipação. Em pequena escala serão escassos os seus beneficios porque a limitação da natalidade produz a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da longevidade. Em grande escala originará uma maior concentração de riquezas, a diminuição do número de consumidores e com esta a diminuição do número de produtores (haverá pois menor oferta de braços mas haverá também menor procura).

Temos a considerar ainda outro factor importantissimo a neutralizar os beneficios do neo-maltusianismo: é o prodigioso desenvolvimento da maquinaria, que permite aos capitalistas um emprêgo cada vez menor de trabalho humano e que é a causa principal do crescente desemprego.

Asseveram os tecnocratas americanos:

«Antes da revolução industrial a sociedade dependia quasi unicamente do labor humano para a satisfação das necessidades materiais. Mas a utilização do vapor e mais tarde a da electricidade tornaram a sociedade capaz de substituir a força humana por outras formas de energia; de modo que, presentemente, constroem-se certas máquinas que produzem um trabalho dois milhões de vezes maior do que o dum homem mediano trabalhando oito horas por dia».

Já antes da crise económica actual se tornava evidente que os homens estavam em toda a parte a ser substituidos por máquinas e esta substituição effectuava-se dum modo muito mais rápido do que a expansão geral da industria. Entre 1920 e 1929 os Estados Unidos aumentaram a produção das suas fábricas numa proporção de 36 % e durante o mesmo periodo o número de operários empregados baixou 9 %.

O que é ainda mais perturbante é que apenas metade do exercito dos sem-trabalho, que actualmente constitui uma quarta parte da população obreira, poderia trabalhar nas fabricas se as fabricas retomassem a actividade máxima que tinham em 1929.

Nos três últimos anos o progresso técnico eliminou praticamente o trabalho humano. Construiu-se recentemente em New-Jersey uma fabrica de fio de algodão que funciona vinte e quatro horas por dia sem trabalho humano algum. Afirma-se que cem homens, trabalhando em cinco fabricas de tijolos modernos, poderiam hoje manufacturar todos os tijolos de que necessitam os Estados Unidos».

Acabamos de ler no Plus Loin:

«Vimos hoje com Vogel, uma máquina que, por si só, pode fazer a contabilidade dos bancos ou grandes armazens... Substitui 25 escriturários e 400 empregados de armazém».

Argumenta Lapeyre: Se a população duplica, quadruplica a produção. O pauperismo aumenta em progressão muito mais rápida que a população».

Barbedette diz que a terra poderá sustentar 3 a 4 biliões de pessoas, Ravenstein fala em 6 e Kuczynski em 10. Além disso a taxa da natalidade tende a diminuir em alguns países e o número de pessoas inibidas de consumir em virtude do desemprego constitui apenas 5 % aproximadamente da população actual do globo, que está computada em 2 biliões.

A pobreza presentemente não deriva portanto da natalidade excessiva, jerva sim da irracional e inhumana repartição das riquezas, da concentração dos capitais nas mãos duma minoria, deriva deste facto

tão simples no enunciado e tão terrível nas conseqüências: uns têm tudo, outros nada.

Resumindo: «A solução do problema humano, considerado individual ou socialmente, é um problema sexual? Não. Por quê? Porque a limitação da natalidade *por si só* não evantirá à humanidade a satisfação das necessidades que derivam do exercicio das funções primárias de nutrição e reprodução. Porque, mesmo que o garantisse, se estas funções são primárias não são únicas. O ser humano não é apenas um animal que come e copula: as suas necessidades e aspirações vão muito mais além, sacrificando muitas vezes os objectivos fisiológicos aos psíquicos».

Ora a satisfação integral de todas as suas necessidades, tão complexas, o livre exercicio de todas as suas faculdades, tão variadas, não se compadem nem alcançam com soluções parciais e portanto com meios de acção unilaterais. Exigem uma satisfação de conjunto e, conseqüentemente, meios de acção globais que visem e alargem tal conjunto.

Esclarecida e definida a nossa discrepância quanto ao valor das práticas neo-maltusianas, empregadas *isoladamente*, como via de emancipação do proletariado, importa-nos preitejar o talento, verdade e desassombro com que a autora traçou a vera effigie da sociedade contemporânea. Esvurmou-lhe todas as pústulas e a todas applicou o cauterio da mais nobre indignação.

A mulher é uma degenerada e Amai e... não vos multipliqueis são dois Evangelhos de rebeldia, são estos de clarim prenunciando a manhã épica da grande batalha, onde em face dos discolos do Bezerro de Oro, dos cavernícolas da Lei, quadra a hoste dos que têm fome de iquidade e sede de Justiça.

Maria Lacerda de Moura é a pioneira de um mundo melhor: a pregoeira da Boa Nova, o arauto de um radioso futuro onde os seus olhos deslumbrados avistam a Cosmópolis do Amor.

Que a não leiam os estatólatras, os bonzos da tradição, os turiferários do passado: — leiam-na os refractários, os desmandibuladores do deverismo, todos aqueles que, como ella, inscreveram nos escudos do seu pan-humanismo a legenda humanisferiana: Não conhecemos fronteiras, somos cidadãos do universo.

CLÁUDIO REVEL

Registo de Patente

Partiu para Lisboa o nosso amigo António Anastácio Júnior, com o fim de registar a patente de sua invenção, que consiste no segredo de apresentar ao público no seu Restaurante Monteiro, da Rua do Bonjardim, 46, uns almoços e jantares que, em virtude de serem tão bem feitos, todos os concorrentes o querem imitar.



APÊLO ÀS MÃIS

QUANDO pelas festas do Natal ou em dia de anos dos vossos pequenos, jóh mãis! ides ao bazar comprar um presente, para com êle levar um pouco de alegria a êsses pedaços da vossa alma, afastar-vos-eis resolutamente dêsses objectos que, mesmo no lar, representariam em miniatura o verdadeiro ritmo atrás das guerras.

¡Ah! certamente que nas montras, onde se amontoam as criações duma indústria hábil, triunfa tóda a poesia da carnificina. No primeiro plano, em insistente profusão, brilham, com mimo, todos os brinquedos favoritos de Belona. Soldados e espingardas, adornos e medalhas, canhões, tanks, metralhadoras, até feridos com a fronte ensangüentada... tantas miniaturas engenhosas chamam a vossa preferência, aguçando o desejo dos petizes... ¿Pondo de parte os companheiros risonhos dos divertimentos infantis: *pirotos e clowns*, cavalos e combóios, ferramentas e máquinas de fabrico, fantasias alegres... será o «material» evocador dos dias funestos e das piores desgraças que pensais oferecer a vossos filhos impacientes? Os brinquedos da violência e do massacre, geradores de injustiça e de brutalidade, a imagem da nossa crueldade requintada, ¿mãis, ireis depô-los — talvez com o sorriso nos lábios — nessas mãozinhas inocentes, ainda quentes das vossas carícias enternecidas?

Essas armas — ou suas irmãs mais velhas, outras iguais dos campos de batalha fulminaram milhares de famílias, levaram a muitos continentes a destruição e o assassinio, tornaram órfãos tantos querubins de olhares galantes. Sob os seus golpes tombaram o irmão ou o amigo, um pai querido. E, torturados de angústia e sofrimento, êsses, já moribundos, viram de novo num supremo vislumbre, os pequencos tão estremecidos, lá na casa longínqua. E gritaram-vos então: «¡Não, isso nunca mais! Salvai-os!» ¿Mãis, desprezaeis a sua última vontade, sorrireis a

essa peça de ferro que — por causa de ódios sem base e de interêsses ignóbeis, por causa dos vergonhosos desígnios dos grandes ao abrigo de tudo — exauriu a vida à sua pobre carne, depois de inexprimíveis agonias?

Porque a guerra, o drama imenso e sem perdão cuja ameaça envolve de novo os vossos filhos, está aí, nesses brinquedos amontoados. Cada um dêles a evoca e nos diz, com uma eloquência trágica, que se preparam hecatombes mais vastas, e um mais pungente martirologio, pelos mesmos meios ampliados e aperfeiçoados. ¿Mãis, se servis o simúlacro, se alimentais a «pequena guerra», em nome de que princípio — e de que lúcido amor! — condenareis vós a outra, essa que uma química vigilante vos destina e que amanhã vos há-de arrebatrar, vós e os vossos, e essa civilização, tão celebrada, fruto duma humanidade sem bussola?...

Nessa educação que é dada aos vossos pequenos (e que vós deixais dar, que dais mesmo) tudo concorre para entregá-los ao monstro guerreiro.

¿Das forças — escola, ambiente, jogos, espectáculos, via pública, jornais, cinema... — que dia a dia se apoderam dos vossos filhos (adorados, dizeis vós...) os amassam e alteram e canalizam para os holocaustos premeditados, Mãis, se-reis vós uma vez ainda, cúmplices e servidasoras?

Contrariando os nossos apêlos, assim como a evidência e a própria voz dos vossos corações, invocais a ignorância. É freqüentemente, nós sabêmo-lo, inconsciência e fraqueza, rotina também e preconceito, é por vezes a covardia. A vossa missão não é só dar à luz. Deveis a salvaguarda a êsse depósito que a natureza vos confiou. ¿ides — sem um sobressalto das vossas entranhas exasperadas — levá-lo antecipadamente ao *Moloch* que devora a mocidade e a vida? ..

¿Amanhã — se a vossa vontade de paz não puzer barreiras no caminho —

quando os brinquedos grandes reunidos (assassinos inexoráveis) prodigalizarem o pavor e a morte; quando se estenderem nos ares, por uma noite traiçoeira, essas nuvens mortíferas; quando as aves do progresso, glória duma ciência transviada, arremessando-se sem ruído sôbre as cidades, espalharem por cima dos vossos filhos adormecidos — e sôbre vós, guardas infleis! — essas composições insidiosas e tóxicas que nenhuma precaução pode afastar, às quais nenhum ser resiste, — tereis, óh mãis, (temos disso a esperança) através do último suplicio, o instante dum remorso, quando já nem um instante tiverdes para o último beijo?...

¿Dir-me eis, talvez, óh mãis, — apressando-vos a encobrir a vossa passividade, a justificar mesmo um conformismo criminoso — que a fatalidade do homicídio colectivo pesa sôbre nós, que não passamos de titeres dum planeta de feitiço?

!Mas se jãmais (perspectiva monstruosa) poderá romper, soberana, a aurora dos amanhã sem carnificina e se os homens terão que ser, sem redenção possível, destinados em todos os tempos à lama dos campos da morte, deixemos ao menos a infância à sua luz, seguro-mo-la o mais tempo possível, ergamo-la acima dos nossos ombros. E que as mãos e o cérebro dos réprobos que somos não preendam às nossas invenções maléficas êsses dedos tão delicados de inocência; que as visões de horror onde germinam os nossos túmulos, poupem os seus olhos brilhantes, que o pensamento dos nossos negros destinos não entenebreçam a sua esperança ingénua, que nenhuma das nossas depravações ferozes manche a limpidez do seu folgar confiante!...

STEPHEN MAC SAY

Tradução de D. QUIXOTE

CAFÉ SUIÇO

PÔRTO

Único no sabor e aroma

Moído e em chávina

... COIMBRA DE ENCANTOS ...

por ALFREDO MARQUES

Naquela noite sombria um ruído estranho, imperceptível e alanceante, parecia lacerar os corações. A dôr contorcía-se em silêncio nos *bas-fonds* da cidade. Coimbra recolhida na intimidade duma madrugada chuvosa, submergia sob um ambiente carregado de tristezas. Os seus arruamentos interiores pareciam vestir crepes. A sua iluminação dir-se-ia de uma câmara ardente, de luz baça, riscando no fundo lóbrego das artérias, caprichosos e rítmicos movimentos. Nem uma balada alegre, uma estúrdia de estudantes a amenizar o ambiente daquela noite emocionante. A garrulice dos rapazes da academia parecia nas necrópoles da tristeza cidadã. Coimbra dormia um sonho prolongado — o sonho dos vencidos. As almas cruzavam-se, em espasmos de dôr.

E a chuva continuava impiedosa, parecendo caprichar na tristeza daquela noite fria e perturbadora. A espaços despenhavam-se do alto daqueles prédios, para o empedrado das ruas, lágrimas de madrugada. Chovia. O frio teimava em gelar a epiderme. Em torno de nós um quê de mistério, quasi o medo da solidão. Uma cidade sem boémia e com a tristeza da desventura.

O jornalista, outros colegas, ruídosos e de belo espírito, iam sendo vencidos pela atmosfera fria que cercava as almas. Emigrara naquela noite, ficara em extase no Café de Santa Cruz, o humor da profissão. Caminhavamos como vencidos. Iamos viver *in loco* uma tragédia — talvez a maior tragédia da existência humana. A descrição fôra arrepiante. Excluído o exagêro ainda ficava muita emoção. E através aquelas ruas sombrias, de um silêncio apenas cortado pelo catarro dos guardas de polícia, o espírito vagueava em contorcionismos.

A morte da vida

«É aqui a estalagem da Donata!» — exclamou um dos cicerones. Estavamos em frente de duas portas largas, sujas e grossas. Para o interior não se distinguíam as coisas. Um pano negro a cobrir a entrada daquela sepultura. Entramos. Um odor forte queimava a mucosa nasal. Perturbava e escaldava o ambiente. «Mas aqui é uma cocheira horrível», dissemos. E o nosso cicerone repetiu: «É aqui a estalagem da Donata». Na verdade, assim era. Tíhamos entrado na estalagem da Donata. Atrás na retaguarda da nossa personalidade, ficara a Vida, toda a existência humana. Ali estava a morte impiedosa, cercando-nos.

Desceramos ao túmulo dos farrapos humanos, iamos aproximar-nos dos desperdícios

da Vida. Tivemos receio de avançar. Toda a temeridade se esbatia naquela cloaca humana. O ambiente vencia o poder dominador das forças humanas.

De súbito um gemido. Os olhares convergiram para o fundo lóbrego. O mesmo pano negro — o pano da tragédia de mais de vinte desgraçados que se recolhiam naquela cisterna. Não se distinguia viva alma. Riscamos um fósforo. Mas o ambiente era húmido e não influiu. Tentamos a luz desejada com um acendedor e não tivemos melhor sorte. E estariamos ali até hoje repetindo a operação, sem resultado de maior, se a luz mortíca duma vela não tivesse surgido no fundo da cocheira. Um dos «hóspedes», tuberculoso pela certa, tossia convulsivamente e sobresaltado pelo ruído quis ver quem chegava. Naquela montureira havia muitas cavernas: umas habitadas pelos vermes humanos, mendigas que se refugiavam ali à acção da polícia e aos rigores das intempéries; outras resididas pelo bacilo de

E de manhãzinha, quando a alva projecta a luz sobre a Coimbra adormecida, saem estonteados, como esquimãos, daquela câmara, e vagueiam pela cidade em demanda do escudo para pernottarem. Depois, à noite, lá vão juntar-se aos outros vermes, vivendo a vida naquela montureira de dejectos humanos.

A infância dormindo sobre excremento

A luz desapareceu do fundo negro da estalagem da Donata. Um dos tuberculosos tossia ainda. E aquela sinfonia tornava ainda mais estranho o ambiente. Através as portas da estalagem parecíamos ainda ver aquela tela, de tintas fortes, com seus cambiantes perturbadores.

— Mas há pior ainda! — voltou a arrepiar-nos o bom do nosso cicerone que pelo hábito parecia ter perdido a sensibilidade. «Venha ver, é ali adiante, na estalagem de Paço do Conde».

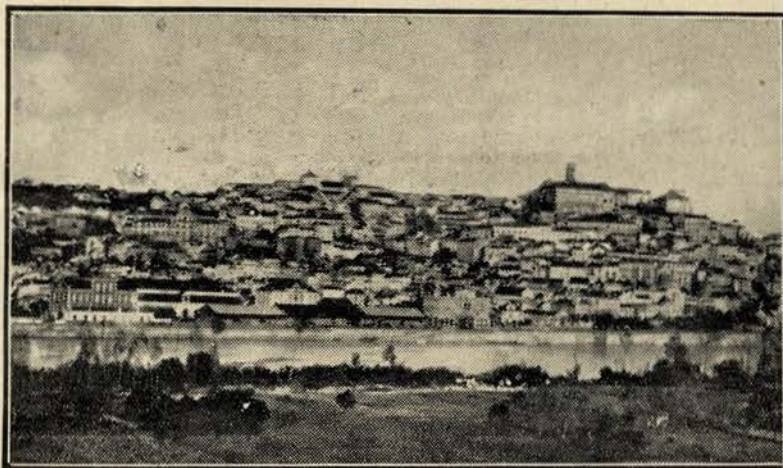
Houve uma pausa. Os circunstantes quasi não respiravam. Só o nosso informador não estava impressionado. «Vá e ficar assombrado. Venha ver, colega».

E fomos ver. É forte o quadro para uma rigorosa descrição escrita. Só um pincel prodigioso, o pincel de Velasquez, poderia transportar à tela, com o devido rigor, as manchas sombrias daquele enegrecido quadro. Horroriza aquêlê espectáculo de dôr. É de um realismo convulsivo a cena de miséria por nós observada. A estalagem de Paço do Conde tem outra configuração. É um túnel — o túnel da morte. Sobre o arco, à esquerda, um pequenino e esquisito altar com um santo que dir-se-ia receoso da escuridão. Uma pequena

luz ilumina aquêlê altarzinho. Lá dentro, a pousada de mais mendigos. Um escudo de hospedagem e os corpos defendidos das inclemências da noite.

Entramos no pátio da estalagem. Um tabique escuro, tão negro como a desgraça dos hóspedes, guarnecido de teias de aranha. Um cavalo entretém-se a comer, ainda àquela hora da madrugada. Um cão ameaçador, característico e lanzudo, ameaça a integridade física dos visitantes e parece disposto a vingar-se do aproveitamento daqueles «boémios» que foram perturbar o sono dos albergados. No chão, confundida com o excremento do animal, com as ratas que passeavam despreocupadas, uma mulher ainda nova, e em sua volta quatro crianças de tenra idade. A infeliz entreabriu os olhos. Tentou falar, quem sabe se para pedir-nos misericórdia.

CONTINUA NA PÁGINA 15



Vista panorâmica de Coimbra

Kock. Essas cavernas enguliam todas as desgraças.

A luz baça, naquela atmosfera mortífera, deixou, no entanto, que se fizesse uma observação. A alcova de mais de vinte mendigos era ali mesmo, entre aquêlê monte de estrume, na cocheira que eufemisticamente se chama estalagem da Donata. Outros pelas mangedouras dormiam a sono solto, como os vermes a proliferar naquela imundície. Tuberculosos, reumosos, sífilíticos, leprosos, cancerosos, uma associação de enfermidades contagiosas ali dentro, recolhida pelo preço dum escudo por associado.

Os mendigos de Coimbra, os desgraçados que não têm eira nem beira vão esconder-se ali das vistas da polícia. Entram à boquinha da noite, silenciosos e vergados, munidos dum escudo para a albergagem. Ali passava a noite entre o estrume dos cavalos e ratanas tamanho de gatos. Toda a sua odisseia se espelha naquela cloaca.

OS NOSSOS CONTOS

Inédito de Reporter X

A última obra do autor desconhecido

(CONCLUSÃO)

Dir-se-ia que Dinora foi apenas um bloco de docil cêra prensada pelos moldes de aço da inspiração do autor...

Sorrindo, apreciei lisongeiramente a imagem com que o meu colega brindava o misterioso autor: «— *Automato, embruxado e intrigante de escrever peças!* — repeti. De facto, se não é Deus que se contemplou a Ele próprio com o génio da dramaturgia para encher os seus ócios celestes na maquinação de obras — que depois projecta para os escritórios das empresas, como estilhaços de estrélas — a única hipótese que cabe e acerta com a complexa fechadura desse enigma é a tua: um automato, filho científico de Edison e de Marconi, escritor em cujo cérebro de aço se ocultam antenas sensibíllimas, sorvendo, do espaço, fluidos de génio que as suas nervuras de arame e o seu coração, feito de lâmpadas eléctricas, transformam em vibrações de emoção e em maravilhas de beleza inédita...

Tanto bastou para que o nosso diálogo começasse a girar, num aspiral de mútuo entusiasmo, em redor de «Sat'An»; e nos dez minutos que faltavam para os *coups de Molière* — o outro jornalista contou-me:

«— Como sabes o invisível «Sat'An», vigia, de perto, platónica e teóricamente, já se vê, mas até aos mínimos detalhes, a *mise-en-scène*, e a distribuição das suas peças. Mal uma obra sua entra em ensaios — raro é o dia em que a empresa, o *metteur*, os cenógrafos e os artistas, não recebem cartas suas, esclarecendo rúbricas, aconselhando efeitos, desaprovando iniciativas em aritmia com os seus planos, exigindo uma obediência disciplinada, cega, servil — à sua orientação e às suas visões de autor. As suas cartas, como os seus dramas, revelam um esteta de delicadíssima sensibilidade — e a grafologia, por mais de uma vez, diagnosticou, através da sua letra, harmoniosa sem catismo, elegante sem modelos caligráficos, uma alma de doces e suaves aspirações mas enristecida pela melancolia de um poente constante, eterno, e só aquietada pelo bálsamo da Beleza — contemplando-a ou criando-a; da Beleza de todas as criações belas sejam Arte ou Bondade; fôrma, ideia, ternura, sacrifício; um bailado de ritmos divinos ou uma carícia de piedade...

«Pois bem. Desde há três anos que «Sat'An» insiste com as empresas para que Dinora heroifique os dramas que ele dispara da sua torre de éter... Os seus dramas, como caçadores de borboletas, têm perseguido Dinora, de teatro em teatro, para tornar impossível a sua recusa. Primeiro, essa caçada inútil, foi paciente, habilidosa, subtil; depois, nervosa, com poucos rodeios; e por último, irritada ou ansiosa — mas clara, desvelada, exigente...

«— É porque, essa perseguição? — objectei eu, intrigado. — Que forças se opunham a que Dinora representasse, desde a primeira oportunidade, as obras de «Sat'An»? Os empresários deviam alegrar-se — porque satisfazendo-o, contentavam um autor-nababo de êxitos e porque, casando o génio de «Sat'An» com a beleza e o talento de Dinora, uniam dois tesouros, acumulando um capital imenso de agrado. Por seu lado, Dinora devia ambicionar uma criação nas peças de «Sat'An», como uma apoteose à sua vaidade de mulher e ao seu orgulho de artista... Confesso que não compreendo...

«— Eu explico — interrompeu o meu camarada, com a vaga altivez de todos os que se sentem senhores dum segredo cubiçado pelo

seu semelhante. — Dinora, como sabes, ambicionou sempre trepar aquilo a que se convençionou chamar *boa-sociedade* e que é às vezes a peor possível. Estando estigmatizada para *ecolte* na alma e no corpo e até pelos próprios encantos que são berrantes, provocantes, impudicos (— repara nos seus olhos enormes, na sua bôca sensualmente judaica, naquêlo magnífico perill de Ester—) sacrificio ou instinto, os impetos e a sêde da carne, para que a aureolasse uma lenda de heroica honestidade, a rotulasse a fama de Dama sem mancha — que a antropometria hipócrita de tal sociedade exige às mulheres de teatro, quando, excepcionalmente, as aceita. Dinora sacrificou a sua carreira de *ecolte* pela vaidade mundana de se aristocratizar, como oxigenou os seus lindos cabelos negros, porque os cabelos dourados lhe davam «raridade»; como sacrificou algumas joias de preço para gritar por socorro e se fingir roubada — porque gritando e inventando esse roubo, provocava escândalo e o seu nome era matraqueado nos gonzos da imprensa e das discussões de café, como sacrificou a fé de seus pais e talvez até a certeza sincera de merecer a salvação da sua alma, convertendo-se à fé de Cristo — só porque provocava polémica e conquistava simpatias nos meios *snobs*...

«Ora logo que pela primeira vez caiu uma obra de «Sat'An» num teatro onde trabalhava Dinora — com indicação do autor para o papel máximo da peça ser humanizado por ela — Dinora negou-se-lhe intransigentemente até à teima, até ao prejuizo da multa prevista no contrato, até ao abandono da companhia. — Porquê? Desde logo porque a sua atitude, fazendo controversias fazia explodir o escândalo em redor do seu nome. Mas outras razões deviam agravar aquela razão calculista. O mistério que envolve e muralha, como a caixa forte dum banco, o dramaturgo, desesperava-a, adoecia os seus nervos de fácil vibração, piorava-a da sua histeria crónica. A insistência e resistência invencível com que «Sat'An», contra todos assaltos, tem defendido esse mistério, acabou por irritar Dinora, habituada, como uma despota imperial a satisfazer todos os seus caprichos e a não ser nunca contrariada, senão quando se contraria a ela própria, por heroísmo da vontade ou por uma espécie de sadismo. Tenho a impressão que Dinora não perdoa a «Sat'An» o facto de não ter aberto uma excepção, abrindo, na muralha do seu segredo um óculo, como aquêles por onde nas feiras, em troca duma moeda, se vêm desbobinar paisagens ou figuras galantes — óculo esse que lhe seria regalado em exclusivo. O motivo de «Sat'An» velar a todos a sua personalidade — era, precisamente a razão pela qual devia revelá-la a Dinora... Mas não vão julgar que foi, como represália, sacudida insultuosa dos seus nervos — que a linda pedra recusou colaborar na obra de «Sat'An». — Ah! Não! Graças àquela agudeza de instinto, aquela clari-vidência natural em todas as mulheres e desconcertante e inverosímil nas de temperamento trepidante — ela profetizou um interesse imperioso, um capricho forte, na outra margem do mistério, e simultaneamente a essa profecia gizou, *à lá minute*, toda uma estratégia de combate... Previo o pismo e a mágoa que causaria a sua recusa; previu ainda a insistência, a teima, a perseguição, o desespero, o frenezim, por último a derrota dêle — ou seja a sua vitória. E não se equivocou. Há três anos que as pe-

ças de «Sat'An» a farejam, lhe armam ciladas, a sitiãam, a perseguem; e Dinora, abandonando teatros, pagando multas, incompatibilizando-se com empresários, tem conseguido evitar sempre a tenaz, cada vez mais ardente e apertada, do preseguidor. Uma frase suas perdidias, a meio duma entrevista jornalística; mal lidas por todos os que as leram e não alcançadas por nenhum — rectificado o meu raciocinio, deviam ter insinuado ao adversário as condições da rendição.

«— E essa frase era?... inqueri sofrego.

«— Ei-la: «Esse autor exige que lhe respeitem a vontade soberana com que impõe o seu inigma; — Com que direito me nega êle a minha vontade em recusar-me a colaborar com quem não conheço? — Êle não se revela pela mesma razão que eu não o interpreto. Se êle não quebra a sua teima, como exige que eu quebre a minha?»

«Claro! Eloquent! — A entrevista saiu há coisa de um ano! Entretanto, outras obras de «Sat'An» surgiram, eternizando-se nos cartazes de vários teatros. Contudo a obsessão do autor não afrouxava — nem a intransigência da actriz amolecia... Súbito, com surpresa geral — a bela júdia cede a entrar num drama de «Sat'An»...

«— Nesse caso — Dinora sabe quem êle é? Viu-o? Falou-lhe? Confidenciou a alguém o seu segredo?

«— Ignoro, meu vélo! Desde o primeiro ensaio que eu a estou rondando, estudando, observando, bisbilhotando... Compreendo o teu alvoroço... — Que esplendido tiro de reportagem hein? Mas não acalentes esperanças utópicas... Dinora desorienta o mais sagaz dos psicólogos. Uma vez da impressão de que... sim... de que venceu, que êle arrancou a mascara e a mordação só para Dinora — mas que, sob um juramento tão sagrado que ela abafa o seu orgulho, a sua alegria para que não suspeitem dessa história. Outras pelo contrário, parece vexada, vencida, humilhada, cedendo sem ter cobrado o prémio que cubiçava, por ser a maior dos dois — procurando despistar a sua tristeza sob o falso alarde do triunfo não conseguido. — Qual das duas atitudes é a verdadeira? Como arrancar uma confissão sincera a esta mulher — experimentada na arte de dissimular os próprios sentimentos e a exteriorizar, como seus, os sentimentos alheios?»

O meu colega silenciou-se. Vibraram, secas, arcaicas, tradicionais, as *pancadas de Molière*. O pano ia subir...

No dia seguinte ao maior triunfo da constelação gloriosa de «Sat'An», Dinora dignou-se receber-me no seu *coquette appartement* da Rua do Salitre — onde o luxo e o bom gosto eram macaqueados com a mesma burla de efeitos falsos de um palácio cenográfico de opereta. A entrevista que eu lhe solicitara — servia de gazua à invasão do seu âmbito. Encontrei-a nervosa, indisciplinada ante o seu auto-dominio, quasi alucinada. Eu, pelo meu lado, tão pouco sabia manter, com equilibrio, o plano desleal que gizara, para lhe escamotear o segredo cobiceado. Creio que me denunciarei logo ao primeiro diálogo. Felizmente ela, abstracta, apreensiva, inquieta, mal me escutava — e respondia-me com monossilabos incoerentes às minhas perguntas. Tenho quasi a cer-

teza de que não suspeitou da minha premeditação. Súbito retiniu a campainha dum telefone numa saleta contigua — que abria à direita daquelle onde me recebera. Excitou-se; as narinas arfaram; dilataram-se-lhe as pupilas negras de judia...

«— Perdoe-me... Passe para... para... hesitou um momento — circunvagando o olhar; depois, numa apressada decisão indicou-me a porta da esquerda. — Aguarde-me uns minutos. Vou já ter consigo»...

Obedeci — mal podendo abafar a emoção que me incendiava o sangue. Sem a minima cerimónia fechou-me a porta do *boudoir* onde me sequestrou. E logo a seguir ouvi fechar-se, com estampido a porta da saleta do telefone. Era evidente que Dinora queria evitar, a todo o preço, que a sua palestra telefónica fosse alcançada por mim. Indiferente às consequências — resolvi-me a violar tôdas as suas defesas... Entre-abri a porta do *boudoir*. A saleta estava deserta. Afofando o mais possível no tapete persa os meus passos de rato de hotel avancei até à porta da outra saleta — e agucei o ouvido... Chegara a tempo... Dinora estava ainda no *allô!* — preambular...

«— Ah! Finalmente! Ouço-lhe a voz — é já qualquer coisa...»

Foi esta a primeira frase da actriz. O seu silêncio atento à resposta prolongou-se uns minutos. Depois...

«— Eu cumpro a minha promessa! Falta que você cumpra a sua! Ah! Não basta ouvi-lo. Exijo vê-lo, conhecê-lo, conversar consigo sem distância nem fios telefónicos...»

Um silêncio — logo rematado por uma frase

que era a revelação eloquente de quem estava dialogando com Dinora:

«— ¡Pode vir à vontade! Juro-lhe que estarei sózinha... que serei eu quem abrirá a porta... ¡Não deve temer nenhuma cilada desleal da minha parte! ¡Juro-lhe... juro-lhe pela minha arte! Como? Venho — suplico-lhe... Depressa... Não calcula a angustiosa impaciência com que vou viver estes minutos...»

Era tempo de volver ao meu sequestro, no *boudoir* da bela judeia. Mal fechara a porta — já a sua mão diafana voltejava o fecho.

«— Meu querido amigo. — Motivos imprevisíveis obrigam-me a sacrificar a sua boa companhia. Volte amanhã... volte quando quiser — mas... agora preciso estar só...»

— Eu não tentei suavisar a sua pressa violenta — açucarando-a com outra desculpa protocolar. Para quê reagir? Beijei-lhe a mão — e sai...

Sai — mas não me afastei muito. Anichado num portal de onde via a porta da casa de Dinora, aguardei os acontecimentos. Pouco tive de esperar... Minutos depois frenava um auto — cortinas corridas — e dele surgiu algo que me perturbou até ao extremo de me julgar vítima dum pesadelo infernal. Que espécie de monstro não catalogado por Lineu era aquêle que se oferecia ao meu olhar no rápido instante que gastou do auto ao portal? O seu *fraque*, a flor da sua lapela, o seu chapéu alto, as luvas de camurça e os polainos enxadrezados agravavam a caricatura — tornando o num desses orangotangos adestrados que os circos

exibem e que, trajando e agindo como homens, provocam aos homens o mais infantil dos risos. ¿Gnomo, lobis-homem? ¡Não sei! A sua estatura e corpulência era a de uma criança de dez anos; os braços, inverosivelmente longos quasi que os arrastava pelo chão, deixando resvalar os punhos alvissimos que lhe cobriam as mãos. As pernas, curtíssimas, curvas, formando quasi um arco, obrigavam-no a bamboliar-se a cada passo, como um sagüim. Uma corcunda de dromedário desenhava um ângulo sob o *fraque*, estalando a fazenda. Os olhos eram piscos e um estrabismo convergente tornava-os assustadores...

Muitas outras anomalias e monstruosidades escaparam à minha observação — naquêle rápido instante... Quando éle desapareceu no portal — fiquei indeciso... Mas eu teria visto de facto aquêle gnomo de lenda medieval — ou seria apenas uma visão doentia?

Não era visão... Vinte minutos depois o monstro reaparecia; e desta vez sem pressa de se esquivar aos olhares... Entrara cambaleante. Saia trôpego... ¡E vi-lhe! Sim, eu vi! — que dos seus olhos horríveis serpenteavam duas lágrimas — tão grotescas, afinal, como o seu sorriso de há pouco...

E a partir de então nunca mais se voltou a falar de «Sat'An». O genial autor nunca mais escreveu para o teatro. A sua última peça — foi aquela que Dinora representou.

...Coimbra de encantos...

(CONCLUSÃO)

mas não conseguiu articular palavra. Teve medo daquelas figuras estranhas, atrevidas e indiscretas, que aquela hora silenciosa iam devassar os domínios da miséria. As crianças, inocentes condenados a um viver de desgraça, dormiam como anjinhos. Nem os latidos do cão nem o fêtido as incomodava. E a pobre mãe velava aquêles corpinhos, bem os corpos de quatro cadáveres.

E lá ficaram os cinco junto dos animais e das teias de aranha naquela madrugada sombria em que a nossa sensibilidade, já tão batida pelas emoções, recebeu fundos golpes e a nossa alma se escaudou.

ALFREDO MARQUES

Homens & Factos do Dia

(CONCLUSÃO)

¡Não quero evocar os padres da literatura e da fantasia dos romancistas — L'abbé Jules, de Octávio Mirebeau; L'abbé Mureau, de Zolá; o Crime do Padre Amaro, de Eça — a pesar de todos éles terem sido extraídos de trágicas realidades ou plagiados sentenas de vezes pela Vida — e em dramas mais dolorosos ainda! Indicarei apenas um... O padre João de Queiroz que heroificou uma das mais comoventes reportagens de Camilo (perdoem-me o termo...) «Biatriz de Vilalva... Aos vinte e três anos surpreendera-se a amar uma formosa filha bastarda do capitão-mor da Lixa. Esta estava prometida, pelo despotismo paterno, a um velho repugnante, brutal e ridículo. Nas vésperas do casamento — desaparece. ¡Caem as suspeitas sôbre o padre. Este prova, com a mais teatral das mentiras, a sua inocência; e magoado pelas ofensas feitas contra a sua castidade — isola-se, acocila-se na igreja duma aldeia próximo de S. Miguel de Seide; e durante trinta e sete anos toda a gente proclama a vida exemplar do padre em cuja residência jamais entrou ou foi vista uma mulher... Só quando a morte o derrubou é que se descobriu uma senhora em sua casa, chorando junto ao leito do morto.

¡Era Biatriz de Vilalva! Durante todo aquêle tempo ela se sacrificara ao Amor do padre; e o padre, cumprindo o dever de mentiroso — sujeitara-a — à pior das clausuras, cláusura quasi tunular... ¡Conseguira esconder o seu pecado; conseguira que o respeitasse como um exem-

plo de sacerdote — casto — mas ao preço de que torturas — para éle e para ela!

¡A pesar de tudo, estou tranquilo! É que confio mais em Deus do que em meia dúzia de céleros de Vizeu! E se Deus perdoou a Madalena por muito ter amado e todo o crime do padre Barreto é ter amado uma só mulher — a sua — e a filha desse amor, Deus será tolerante com a sua alma. Talvez até a glorifique — porque a merece e, sobretudo para arrelhar os padres de Vizeu!

REPORTER X

Café Restaurante Paris

T. dos Congregados, 19 — Pórtó

Serviço à lista — Pratos desde 2\$00

Às quintas-feiras e sábados — Tripas à Portuguesa.

Aos Domingos — Cosido à Portuguesa

Vinho Verde de S.to Tirso — Vinho Maduro de Vila Rial a \$30 o copo.

Jogos de vasa e dominó

Bilhares a 2\$00 á hora

¡Aos Namorados!

¡Aos Padrinhos!

Recomendamos as amendoas em caixas lindíssimas e originais com aplicações de metal e brinquedos da

Mercearia Confiança

Rua de Alexandre Braga, 112 — PORTO

TELEFONE, 5492

A maior variedade ao menor preço



EUROPÊA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO
 SEGUROS MARÍTIMOS
 SEGUROS DE CAUÇÕES
 SEGUROS DE AUTOMÓVEIS
 SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO
 SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS
 SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS
 SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL
 SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM
 SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES
Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

Organize a sua escrita pelo sistema de folhas soltas
comprando os livros



New Windsor

NEW WINDSOR

Moore's Modern Methods

SIMPLEX

em vários formatos e desde Esc. 35\$00

Papelaria Reis

150, Rua das Flores, 160 — Pôrto

Não rasure.
Empregue:



UM



DOIS



TRÊS

O melhor
líquido de
safar tinta



MARCA REGISTRADA

O mais
completo
sortido em
Artigos
para
escritório
e
Belas-Artes